



## Sertão em chuvas

*“O sertão só presta quando trovoa”*

*“Óia esses verdao, óia: não dá pra andar dentro dessa caatinga”.*

Frases que ouço nos últimos dias. Todos falam da Beleza da Chuva por aqui. Água que cai do céu, desce pelas telhas, enche cisternas, sangra barreiros. Descubro nessa tarde que a barragem do Açude do Cocorobó está a 3m de sua máxima lotação. Há mais de 4 anos que ela não enche assim.

Abrigo-me na casa de Maria Botão faz uma semana. É uma das poucas moradoras do **Parque Estadual de Canudos** - e, possivelmente, a mais antiga desde reduto conselheirista. *“Tire foto do barreiro, tire”*, dizem. Bebemos e banhamos com essas águas celestes; regamos as leiras com os empoçados fundos do chão.

Eu, que me achei há pouco por esses interiores, não sei sentir como essa gente a unicidade dessa estação. Confesso um fetiche torto e urbano pela seca, dessas que se vê em jornais da TV e filmes sertanejos, mas chove muito desde que cheguei. Todos os dias vislumbro chuvas no horizonte largo, distante.

Maria sabe dizer aonde cai toda essa água. Barriguda, Angico, Euclides... Ela agradece cada instante em que as vê, cortinas roxas e horizontais no perder-se do olhar. As trovoadas e ventos assustam a tetraneta Mayara. Este é seu terceiro “inverno” - temporada ventosa e úmida que vem de abril a jun/lho.

Eu me satisfaço e me surpreendo com o atípico frescor. Até calças fui capaz de usar... Reparo nas moscas que se aumentam nesses climas. Sinto muriçocas, muitas. Vejo que cabras dão leite com vigor. E me regogizo no multiplicar dos banhos: tomam-se dois, três, quatro num só dia. A balde, literalmente. É bom. Eu gosto.

O Diferente ensina-me muitíssimo.